

Não está no gibi



Flavio Padovani
Mestrando em Comunicação
(USCS)

A presente resenha trata da obra de Paulo Ramos, *Revolução do Gibi - A nova cara dos quadrinhos no Brasil* e como o título já sugere faz parte de um conjunto de análises que o autor se propõe sobre as transformações ocorridas no mercado editorial de quadrinhos brasileiros no que tange à produção, distribuição, editoração e demais aspectos pertinentes, na última década.

Para tanto, o autor se utiliza de textos próprios escritos em diferentes épocas e publicados na internet em uma página jornalística própria denominada Blog dos Quadrinhos nos períodos correspondidos entre abril de 2006, inauguração do periódico e dezembro de 2011, data limite estipulada pelo autor para dar conta da proposta anunciada.

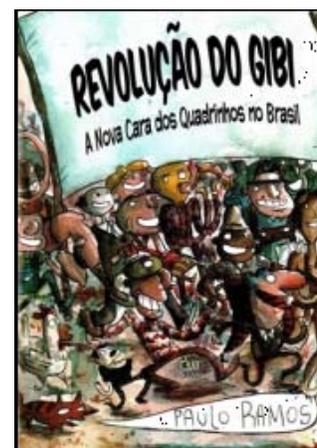
O site jornalístico do qual Paulo Ramos extrai os próprios textos possui uma linguagem simples e de fácil acesso. O autor provavelmente não tinha intenção de transformar os textos em livro, sua única preocupação era relatar os principais acontecimentos do mercado editorial brasileiro

trazendo notícias, resenhas, análises e entrevistas com pessoas da área.

Dividido em 20 capítulos, separados por acontecimentos diversos que na visão do autor tiveram relevância para o mercado como um todo, *Revolução dos Gibis* preserva as datas originais de cada texto extraído do site, além de alguns comentários novos do autor para atualizar uma ou outra informação. As datas não seguem uma cronologia própria, na verdade são utilizadas no contexto proposto pela obra. Paulo Ramos inaugura cada um dos capítulos do livro com uma crônica que auxilia na contextualização dos fatos e seleciona os trechos correspondentes do site à proposta do capítulo.

A obra começa com um texto introdutório no qual o autor explica a proposta ao leitor, fazendo um apanhado de tudo que de relevante observou no período em que trabalhou no site além de comentários acerca do processo de escolhas, da pertinência dos comentários e principalmente das introduções de cada capítulo que servem de guia para compreensão linear do trabalho.

No primeiro capítulo do livro, o tema é a retomada dos heróis.



RAMOS, Paulo. *Revolução do Gibi: A nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

Paulo Ramos escreve sobre os personagens de quadrinhos de super-heróis com destaque para os icônicos seres da Marvel e DC, principais editoras norte americanas do ramo, fazendo um resumo de todo o processo que envolveu as trocas de editoras, as mudanças pertinentes ao mercado, tanto na produção quanto na distribuição até o lançamento de personagens similares de outras editoras por diferentes selos no Brasil. Discussões como o nome/marca de alguns heróis, caso do Superman que por muito tempo foi conhecido como Super-Homem ou mesmo a abordagem de uma revista do Homem Aranha na qual o presidente norte americano Barack Obama aparece na capa (uma das mais vendidas da Marvel no século) são alguns exemplos da abordagem do autor no tema.

No segundo capítulo o autor trata da invasão dos mangás, quadrinhos de origem japonesa que ganharam grande destaque no mercado editorial brasileiro, chegando a influenciar a maneira como alguns desses quadrinhos são produzidos aqui. Adaptações de animes (desenhos japoneses), surgimento de novas editoras e algumas obras se destacam nesse cenário proposto pelo autor.

O terceiro capítulo trata da reinvenção de Maurício de Souza. O autor brasileiro, criador da Turma da Mônica trocou de editora, primeiro da Abril para a Globo para depois se estabelecer na multinacional Panini. O relançamento das tiras clássicas, a versão mangá de seus

personagens e a abordagem para um novo público são os destaques da trajetória de sucesso deste que é um dos principais quadrinistas brasileiros em atividade.

Os capítulos quatro e cinco da obra abordam respectivamente as coletâneas e dos bastidores editoriais dos quadrinhos brasileiros e podem ser lidos sob um mesmo contexto. De fato as coletâneas permitiram que os quadrinhos chegassem às livrarias atingindo um público diferente daqueles acostumados a frequentar bancas de jornais. A percepção de que havia um gênero adulto para aquele tipo de literatura aqueceu o mercado e permitiu publicações diversas que iam desde Luluzinha até 300 de Esparta. Este aquecimento é abordado no capítulo seguinte, mostrando as principais variações das editoras que cresceram e de outras que abandonaram de vez os quadrinhos depois de algumas tentativas frustradas.

O sexto capítulo trata do circuito independente, diversas produções nacionais autorais, ou seja, todas as produções que não se direcionam para o mercado comercial. Quadrinhos independentes, coletâneas e bastante destaque para o FIQ - Festival Internacional de Quadrinhos que acontece sempre em Belo Horizonte, além de participações brasileiras em mercados estrangeiros são o mote deste capítulo.

Os capítulos seguintes, sétimo, oitavo trata a m respectivamente dos programas de incentivo à produção de

quadrinhos nacionais e das investidas brasileiras no gênero das narrativas gráficas. As leis de incentivo, as premiações da área e as produções de obras literárias em quadrinhos são abordadas como reflexos de mudanças nos quadrinhos produzidos no Brasil.

Os capítulos nove e dez tratam da utilização dos quadrinhos na escola. O governo federal através de um programa para enriquecer as bibliotecas das escolas começou a utilizar histórias em quadrinhos para incentivo à leitura e auxílio no processo de aprendizagem, que é o tema do décimo capítulo da obra. Curiosamente, o governo estadual paulista, por descuido, acabou distribuindo uma histórias em quadrinhos de conteúdo adulto, por se utilizar de palavras, para crianças da terceira série. O erro e as repercussões compõem o nono capítulo do livro.

O tema educação segue os dois capítulos seguintes, sendo o décimo primeiro sobre as adaptações de obras literárias, com destaques para os Lusíadas, Dom Quixote, O Alienista, para ficar em alguns exemplos e ao décimo segundo restará tratar de histórias em quadrinhos baseadas em fatos reais e publicadas no Brasil.

O capítulo 13 fala dos quadrinistas brasileiros que ganharam destaque no exterior por seus trabalhos. Desde desenhistas que conquistaram o mercado norte-americano, principalmente no gênero de super heróis a exemplo do ocorrido com Ivan Reis, até o sucesso dos

gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá que receberam diversos prêmios e destaque por trabalhos autorais.

Os décimos quarto e quinto capítulos tratam de incursões internacionais cabendo ao primeiro tratar de publicações européias e o segundo das publicações argentinas em território nacional. Ainda que os quadrinhos norte-americanos e os mangás (quadrinhos japoneses) sejam a ampla maioria do que é publicado de estrangeiro em território nacional, os fumetis (quadrinhos de origem italiana) e outras publicações de origem inglesa, francesa, alemã e assim por diante aproveitaram-se do aquecimento do mercado brasileiro e passaram a chamar a atenção de grandes editoras nacionais ganhando espaço nas estantes de livrarias, normalmente em formatos luxuosos. O italiano Milo Manara, o francês Moebius e Hugo Pratt são alguns exemplos de autores que até então tinham pouca ou nenhuma publicação no Brasil e que passaram a ser encontrados com alguma facilidade ao lado de Asterix e Tin Tin para ficar em dois exemplos mais famosos. Dos quadrinhos argentinos, destaque para a obra Macanudo, a biografia de Che e alguns álbuns de Eduardo Risso.

O décimo sexto capítulo é quase metalinguístico. Trata das obras literárias que falam sobre quadrinhos de modo acadêmico. Livros, entrevistas e estudos e até mesmo uma obra do próprio autor compõe as análises que certificam o crescimento do interesse acadêmico pelas histórias em quadrinhos no Brasil.

Os três capítulos finais discorrem, cada qual a seu modo, do humor, da internet e da geração oitentista que influenciou os principais quadrinistas brasileiros. Ao décimo sétimo cabe falar das diversas facetas do humor nos quadrinhos e de que forma estes foram retratados. Destaque para os livros de charge dos irmãos Caruso, das produções de Ziraldo e várias outras obras de cunho político. O décimo oitavo capítulo fala das tiras, da diversidade do gênero, da expectativa do humor e da inúmeras obras de todos os cantos do planeta que foram publicadas no Brasil.

O penúltimo capítulo trata dos quadrinhos na internet, das obras produzidas ou adaptadas para o computador e das influências e diversidade tão comuns à internet. Destaque para a entrevista com Andre Dahmer um expoente no assunto, já que começou seus trabalhos na grande rede. O último capítulo mostra as influências dos principais quadrinistas brasileiros que conheceram a geração Circo. Destaques para as análises sobre Angeli, Glauco e Laerte, este

último que por sinal inaugurou um estilo de tiras que o autor chama de "tiras livres". A obra é finalizada com um apêndice no qual Paulo Ramos faz um breve relato das transformações ocorridas sobretudo no ano de 2011, no Brasil.

Paulo Ramos é jornalista, professor de Letras na Universidade Federal de São Paulo. Integrante do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA/USP tem diversos trabalhos publicados sobre a matéria. Seu trabalho na Revolução do Gibi é de fácil acesso e indicado para qualquer acadêmico que queira trabalhar aspectos de produção ou recepção de quadrinhos no Brasil na última década.

A obra tem um direcionamento lógico no qual o autor encontra relatos, fatos e entrevistas que corroboram a visão que possui das mudanças mercadológicas dos quadrinhos no Brasil. Ainda que o assunto seja amplo e dificilmente possa ser explorado em sua totalidade, o autor desenvolve temas polêmicos e conclui com pertinência os assuntos levantados. ■